

Editorial

Os Discursos em nossa contemporaneidade e os “Combates pela História”

The discourses in our present times and the “Combats for History”

Felipe Nascimento de Araujo¹

Jerrison Patu²

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Pesquisador integrante do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ) e professor do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da UERJ (CEHAM/UERJ). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) de doutorado. Editor da Revista NEARCO. E-mail: felipefmna@gmail.com.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Pesquisador Integrante do Núcleo de Estudos da Antiguidade (NEA/UERJ) e Assistente editorial da Revista NEARCO. E-mail:jerrisonpatu@gmail.com.

DOI: 10.12957/nearco.2021.67780

Temos observado nas últimas décadas o surgimento de uma série de discursos oriundos das redes sociais e das mídias audiovisuais oriundas da internet, ou seja, meios como o *Facebook*, *Orkut*, *Youtube*, *Twitter*,¹ *Linkedin*, entre muitos outros. É interessante apontar que tais redes possuem suas especificidades midiáticas, às quais Aleida Assmann (2011, p. 161) define como meios (*medias*) que veiculam memórias e discursos de acordo com um determinado suporte físico. Em tal perspectiva, seriam

¹ Um exemplo da utilização da rede social Twitter como parte integrante de um *corpus documental* para o historiador se localiza no artigo intitulado “*Entre a Música Antiga Grega e o Funk Carioca: reflexões acerca dos aspectos sociopolíticos da música na Atenas Clássica do séc. V a.C. e no Brasil do início do séc. XXI*” (2021), no qual ao analisar os discursos desfavoráveis acerca do *funk carioca* no Brasil contemporâneo, me utilizei das mensagens do Twitter oficial de Sérgio Camargo, presidente da Fundação Palmares (2019-atualmente), como exemplo de posicionamento antagônico ao gênero musical por parte de uma instituição pública brasileira. Para maiores detalhes, consultar ARAUJO, Felipe Nascimento de. *Entre a Música Antiga Grega e o Funk Carioca: reflexões acerca dos aspectos sociopolíticos da música na Atenas Clássica do séc. V a.C. e no Brasil do início do séc. XXI*. In: LEMOS, Maria Teresa Teresa B. (Org.). et al. *América Latina - Espaços Pluriculturais: Cultura, Etnicidade e Confronto*. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2021, p. 100-119.

medias textos, imagens, tatuagens, locais, epígrafes, entre outros exemplos. Porém, mesmo com tais especificidades, tais redes ao veicularem discursos atendem a determinados processos de *formação discursiva*, a qual Eni Orlandi “define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada e um conjuntura socio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p. 43). Logo, podemos assumir que um dado contexto histórico se relaciona de modo intrínseco com as formações discursivas inerentes às redes sociais. Considerando que desde o final da década de 10 (séc. XXI) concepções relacionadas com noções de *pós-verdade*, *necropolítica*, promoções de discursos de ódio e negacionismo científico, por exemplo, podem disseminar uma espécie de “anti-intelectualismo”. Consequentemente, acabam por ressurgir paradigmas que no decorrer do século XXI pareciam superados, como a recusa pós-moderna da História por exemplo. Porém, deve-se salientar que tal contexto não corresponde necessariamente a um fim da “História em migalhas”, pois a escrita da história de grupos delimitados, como os movimentos sociais reivindicando direitos das minorias sociais e políticas, continua a ser intensamente produzida e debatida. Desse modo, são produzidos questionamentos acerca de uma perspectiva majoritariamente teleológica, institucional ou de viés positivista (algo que ainda permeia o senso comum) que reivindicam uma autoridade universal² da História. Mas, o que seria essa autoridade universal?

Uma das possíveis explicações para tal questão se relaciona com as estruturas sociais, bem como suas permanências e transformações que ocorrem de acordo com as conjunturas históricas que produzem as formações discursivas. Elementos como conflitos sociais, crises econômicas, guerrilh³ consequentemente produzem *formações*

²² Keith Jenkins apud in CARDOSO. *No Limiar do Século XXI*. Revista Tempos, Vol. 1, n° 2, Dez,1996, Rio de Janeiro, p. 7-31.

³ Alguns exemplos de conflitos são: a tomada de novos territórios na tentativa de ampliar a produção de bens, redistribuição e trocas, problemas de escassez de alimento, greves trabalhistas por falta de alimentos, entre outros.

ideológicas que refletem sentidos inerentes a um dado discurso. Em outras palavras, “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico” (ORLANDI, 2005, p. 42) no qual as palavras, textos, livros, mensagens, *tweets* e textos de *Facebook* são produzidos. Dessa forma, o sentido de qualquer discurso, assim como aqueles veiculados nas redes sociais, é uma relação dos sujeitos – que se utilizam da linguagem – com sua conjuntura sócio-histórica, não havendo formações discursivas sendo produzidas no vácuo, ou seja, não existe discurso sujeito e não há sujeito sem a ideologia (ORLANDI, 2005, p. 47) inerente dos conflitos de seu determinado contexto histórico.

Além disso, demarcamos também que esferas que relacionadas com a área econômica, o campo político, os estudos culturais e as abordagens da memória fazem parte de concepções holistas que são presentes em um corpo social, podendo ser considerados universais pelo fato destes campos abarcarem as ações humanas no tempo e espaço. Isto nos remete ao combate que Lucien Febvre travou pela história como toda ela social, por definição, possuindo diversas atividades e criações dos humanos de outrora⁴. Nessa perspectiva, os campos historiográficos são definidos simultaneamente pelas ações das sociedades, pelos seus problemas⁵ e pela sua conjuntura sócio-histórica que produz suas formações ideológicas que se multiplicam em discursos que são presentes nos documentos selecionados e analisados pelo historiador. Portanto, é interessa notar ao mesmo tempo que as sociedades simultaneamente suscitam questões e problemáticas⁶ aos historiadores, promovendo

⁴ FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa, ed. Presença, p,30

⁵ Em outras palavras, o método hipotético/ dedutivo aos quais o(a) historiador(a) se debruçará em sua análise e, certamente, não buscará num pequeno fato, muito menos de uma documentação fragmentadas e/ou ausente de informação, o ponto chave e total para sua interrogação e edificação do passado.

⁶ Quando citamos “problemática” estamos considerando sua definição conceitual dentro de um contexto referente à pesquisa histórica. Em linhas gerais, tal categoria de problema científico pode ser definido como uma “questão proposta para que se lhe dê solução (...). Em primeiro lugar, o problema científico deve ter uma natureza indagadora. Não precisa necessariamente se formulado como uma pergunta, mas deve pelo menos conter uma pergunta dentro de si .Em segundo lugar, deve apresentar

demandas específicas dentro de nossas temáticas de pesquisa,⁷ igualmente produzem discursos que correspondem diretamente a um dos objetos de pesquisa almejados pelo historiador em seu ofício. Um exemplo seria a supracitada questão das redes sociais *online* e suas relações com o negacionismo científico e discursos de ódio, algo recorrente em nossa atual conjuntura sócio-histórica que acarreta intensos e numerosos debates acerca disso tanto no meio acadêmico quanto nas áreas jornalísticas e nos próprios espaços *online* midiáticos como canais de *Youtube*, *Instagram* etc. Simultaneamente aos debates são produzidas formações discursivas e ideológicas que resultam em uma série de discursos, cujas análises interessam não somente aos historiadores, mas praticamente a todos os profissionais das Ciências Humanas.

Sendo assim, grosso modo, temos observado *in loco* cotidianamente a ocorrência de diversos “combates pela história” dentro de um contexto peculiar do séc. XXI em que existem elementos como a expansão da relevância das redes sociais e o aprofundamento das relações sociais por meio da internet (aprofundadas decididamente pelo contexto pandêmico da Covid-19). Certamente, o significado desses “combates pela história” difere significativamente daqueles estabelecidos por Lucien Febvre em meados do século XX, sintetizados na obra *Combates pela História* (*Combats pour l’Histoire*) originalmente publicado em 1952, onde uma de suas principais preocupações era promover a “história problema” dos *Annales*, frente à historiografia de caráter positivista voltada somente à suas cronologias, narrativas

clareza e precisão – o que implica em um recorte muito específico dentro do qual ele encontrará os seus limites”. Exemplo: “não é propriamente um problema historiográfico indagar qual é ‘a natureza ou essência das revoluções’ (...). Mas é um problema histórico corretamente delimitado indagar quais os ‘fatores econômicos que contribuíram para a eclosão da Revolução Francesa’” (BARROS, 2002, p. 277).

⁷ O que pode trazer um potencial debate acerca da “utilidade da ciência” e produção de uma História pragmática, visando atender à somente demandas que podem refletir uma serventia dentro do contexto histórico do capitalismo tardio/supermodernidade (AUGÉ, 2012) /globalização. Obviamente, a complexidade e extensão de tal debate são demasiadamente longos para o escopo desse editorial.

“heroicas” e histórias políticas estritamente factuais⁸ (FEBVRE, 1989). Em nossa contemporaneidade, face aos discursos negacionistas que endossam perspectivas “anti-intelectuais”, sendo muitas delas inclusive contra as universidades (sobretudo as universidades públicas), pode-se assumir que o termo “combates pela história” adquire outros panoramas e perspectivas, talvez compreendendo significações mais literais no sentido do “combate” pela própria perpetuação de nossos ofícios como historiadores.

Em suma, o combate pela ciência história igualmente se reflete da produção de teorias e métodos hipotéticos e dedutivos que vão de encontro às justificativas do passado para ações presentes, como foi feito pelos regimes classificados como autoritários e totalitários ao longo do século XX. Posteriormente, na conjuntura de transição para o século XXI, autores como Francis Fukuyama⁹ propagaram o “fim da história” porque acreditavam que o presente representava somente uma continuidade do passado e o futuro é apenas os seus reflexos. Por outro lado, atualmente determinadas vertentes do “fazer histórico”, situadas tanto dentro quanto fora do âmbito acadêmico, pretendem fazer histórias “de” e “para” sem analisar o contexto no todo.

Dito isto, esta presente edição apresenta as pesquisas cujas indagações nos fazem refletir sobre a importância da história antiga para a sociedade atual, demonstrando que a contemporaneidade constitui um dos pilares necessários para os questionamentos necessários ao ofício do historiador e dos profissionais das Ciências

⁸ Como exemplo do clamor de Febvre acerca dos “combates pela História” oriundo do contexto dos *Annales*, pode-se citar a passagem: “peço-lhes (se dirigindo aos historiadores) que vão para o trabalho à maneira de Claude Bernard, com uma boa hipótese na cabeça. Que nunca se façam colecionadores de fatos ao acaso, como dantes se fazia pesquisadores de livros nos cais. Que nos deem uma História não automática, mas sim problemática” (FEBVRE, 1989, p. 49).

⁹ Sobre Francis Fukuyama e sua perspectiva do fim da história e das ideologias na década de 60-70 difundiram a tese neoconservadoras para dentro da política com importantes cargos através de Zbigniew Brezinsky e Jane Kirkpatrick. Ver CARDOSO. *Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaios*. BAURU, SP, ed. EDUSC, 2005, p. 29-30.

Humanas de modo geral. Sendo assim, para ilustrar como as demandas do tempo presente pode acarretar a produção acadêmica trazemos artigos que tratam acerca de diversas temáticas: a Geografia Medieval em Roger Bacon, tópicos acerca da filosofia de Epicuro, o teatro latino antigo, debates historiográficos acerca da Revolta dos Macabeus, Cristianismo(s) Primitivo(s), História da Alimentação na Roma Antiga, análise de *Antígona* de Sófocles e estudos sobre a plebe romana no período imperial. Boa Leitura!

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Felipe Nascimento de. *Entre a Música Antiga Grega e o Funk Carioca: reflexões acerca dos aspectos sociopolíticos da música na Atenas Clássica do séc. V a.C. e no Brasil do início do séc. XXI*. In: LEMOS, Maria Teresa B. (Org.) et al. *América Latina - Espaços Pluriculturais: Cultura, Etnicidade e Confronto*. Rio de Janeiro: Estudos Americanos, 2021, p. 100-119.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2011 (impressão de 2016).

AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2012.

BARROS, José D'Assunção. *Projeto de Pesquisa em História: da escolha do Tema ao Quadro Teórico*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

CARDOSO. *Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaio*. BAURU, SP: ed. EDUSC, 2005.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa, ed. Presença, 1989.

ORLANDI, Eni P. *Análise e Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Editora Pontes, 6ª edição, 2005.